

O ARQUIVO NO ESPAÇO DO EFÊMERO

A consolidação do formato suplemento cultural na imprensa do RS em 1967

THE FILE IN THE EPHEMERAL SPACE

The consolidation of the cultural supplement format in RS's press in 1967*

Cida Golin¹
Everton Cardoso²
Mariana Sirena³
Bruna Linhares⁴

Resumo

O artigo discute o formato suplemento cultural a partir de uma visada histórica. Reflete sobre a consolidação dessa separata na imprensa do Rio Grande do Sul em 1967, a partir dos lançamentos do *Caderno de Cultura*, de *Zero Hora*, e do *Caderno de Sábado*, do *Correio do Povo*. Por meio de pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, detalha a contribuição do *Caderno de Cultura* de ZH e estabelece relações com seu contemporâneo. Aproxima o suplemento das revistas literárias, da perspectiva do jornalismo como sistema perito e da construção do arquivo na rotina do efêmero. Produtos de empresas e equipes editoriais distintas, os cadernos atuaram em consenso na escolha de temáticas e colaboradores em 1967; valorizaram a literatura, a música e a história como expressões emancipatórias e de formação do sujeito culto; ressaltaram o pensamento de esquerda e o protagonismo social do homem de letras.

Palavras-chave

Suplemento cultural; *Caderno de Cultura* (ZH); *Caderno de Sábado* (CP); 1967.

Abstract

The article discusses cultural supplements from a historical perspective. It also reflects upon the consolidation of this kind of publication in Rio Grande do Sul's press in 1967, taking as reference the releases of *Zero Hora's Caderno de Cultura* and *Correio do Povo's Caderno de Sábado*. In this approach, by means of bibliographical research and content analysis, it details the editorial contribution by ZH's *Caderno de Cultura*, establishing specific relations to its peer. This text compares the supplement to literary magazines, from the perspective of journalism as

* Este artigo é uma versão revista e ampliada de texto homônimo apresentado no 11^o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBP|Jor 2013) e faz parte da pesquisa *Jornalismo e sistema cultural: estudo da representação da cidade no suplemento Cultura de Zero Hora (2006-2009)*, desenvolvida no núcleo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD |FABICO |UFRGS), com financiamento do CNPq.

¹ Professora dos cursos de Jornalismo e de Museologia da FABICO|UFRGS; Professora do PPG-COM|UFRGS. Pesquisadora CNPq. E-mail: cidago@terra.com.br.

² Doutorando PPGCOM|UFRGS; Jornalista SECOM|UFRGS; Professor no curso de Jornalismo da Unisinos. E-mail: cardoso.everton@hotmail.com.

³ Mestranda PPGCOM|UFRGS. E-mail: cirena.mariana@gmail.com.

⁴ Bolsista BIC|UFRGS. E-mail: brunanatasha91@gmail.com.

an expert system and considering the construction of a file in the ephemeral routine. Issued by two different companies and editorial teams, both supplements acted in consensus concerning theme choice and contributors in 1967; they valued literature, music and history as emancipatory and educational expressions for cultivated people; they emphasized leftist ideas and men of letters' central position.

Keywords

Cultural supplement; *Caderno de Cultura* (ZH); *Caderno de Sábado* (CP); 1967.

Submetido em 16/08/2013

Aceito em 30/09/2013

Introdução

Na lógica veloz do jornalismo diário, o suplemento cultural firma-se pelo contraponto do tempo mais lento, da leitura reflexiva. A temporalidade expandida – a semana – e o espaço fisicamente delimitado – o caderno – apontam para um lugar distintivo que concede valor e hierarquiza temas e autores. Nesse reduto, construído na tensão entre os critérios de produção jornalística e a palavra de especialistas, a instituição jornalística exerce seu poder de julgamento sobre outros campos, especialmente o intelectual; concede visibilidade a determinadas pautas e agentes e silencia outros tantos. Configura, pois, uma espécie de mapa do pensamento e do saber, um instantâneo do que é ser culto em determinada época.

Tal moldura garante ao suplemento personalidade própria, constituindo uma espécie de recinto para além do jornal que o abriga. É provável que essa condição explique a emergência de dois cadernos tão próximos entre si surgidos em Porto Alegre em 1967: com formatos semelhantes em temáticas e colaboradores, traduziam o universo intelectual do período. O curioso é que a circulação das duas publicações – *Caderno de Cultura*, de *Zero Hora*, e *Caderno de Sábado*, do *Correio do Povo* – dependia de jornais bastante divergentes, tanto na tradição de referência como de projeto editorial.

Este artigo pretende problematizar o dispositivo suplemento cultural a partir de uma visada histórica, refletindo sobre a consolidação dessa separata na imprensa do Rio Grande do Sul no ano de 1967. Nesse recorte, o foco principal recai sobre a experiência do *Caderno de Cultura* de ZH, estabelecendo relações pontuais com seu contemporâneo, cuja contribuição foi problematizada em outras oportunidades (Golin, 2005; Cardoso, 2009). Aproxima o

suplemento das características históricas das revistas – especialmente as literárias – e da perspectiva do jornalismo como sistema perito.

Além da pesquisa bibliográfica, procedeu-se a uma Análise de Conteúdo (Bardin, 2004), tendo como unidades de registro todos os 145 textos do *Caderno de Cultura* e os 289 textos do *Caderno de Sábado* publicados nas 15 edições de cada um dos suplementos no ano de seu surgimento (1967). Após a categorização a partir de autores, temáticas, referências geográficas e temporais⁵, foi realizado o processo de interpretação e de elaboração de inferências, amparando a análise em unidades de contexto – sejam advindas da leitura do *corpus*, sejam tomadas de outras fontes referenciais. Esses recursos pretendiam relacionar os discursos estudados ao universo simbólico no qual estavam inseridos (Cardoso, 2009; Vainfas, 1997).

1. Tempo expandido e o ato da re-vista

No universo do jornal, o suplemento carrega consigo parte do conceito etimológico da revista, ou seja, o ato da re-vista, de examinar, de inspecionar mais detidamente, pressupondo o exercício da crítica e do ensaio. Essa configuração surge principalmente a partir da temporalidade dessas publicações, cujo ciclo hebdomadário permite o rompimento com a lógica de renovação e obsolescência a cada 24 horas que caracteriza o jornal diário. Veículos especializados – mas nem por isso restritivos na amplitude temática –, portam o ideal de aprimoramento intelectual pelo valor da leitura. Esse traço é evidenciado na circulação no final de semana, que representa a possibilidade de uma fruição mais demorada e, assim, mais aprofundada. A tarefa analítica os liberta, portanto, do universo descartável do jornal diário.

Naquele ano de 1967, tanto o *Cultura de Zero Hora* quanto o *Caderno de Sábado* do *Correio do Povo* assumiam para si a qualidade de colecionáveis. O suplemento de ZH nasceu em 13 de abril de 1967 com uma chamada na capa do jornal: “um lançamento excepcional do nosso jornal, duas vezes por mês, e que você deve colecionar”. Já o encarte do *Correio do Povo*, lançado em 30 de setembro de 1967, passou a editar semestralmente um índice que organizava as edições por fascículos e indexava os textos publicados segundo autoria e temática. Esse processo era guiado pelo sistema de Classificação Decimal Universal (CDU) – usado na

⁵ Crônicas, contos, poemas e excertos literários foram categorizados somente segundo o gênero e a autoria. Portanto, sempre que, neste trabalho, forem abordadas a temática e as referências temporais e geográficas de um texto, trata-se de ensaios, artigos, resenhas, críticas, entrevistas, notas ou reportagens.

organização de acervos de bibliotecas –, o que evidencia uma intenção de arquivamento subjacente ao projeto editorial.

Esse posicionamento como colecionável e, portanto, como um documento a ser arquivado, concede aos suplementos um sentido de permanência. Sendo o dispositivo um enunciador de significados que antecede a leitura (Mouillaud, 2002), o sujeito que se aproxima dessas publicações semanais já envia sua mirada, tem uma expectativa de que ali estejam temas diferentes dos que se encontram no corpo principal do periódico. Suplementares – e, por isso, partes das quais o jornal prescinde (Santiago, 2004) –, expressam ‘outro’ discurso dentro da publicação. No jogo de estar dentro do jornal e também fora – típico da separata –, ganham vida própria, evidenciada, inclusive, pelo nome que os distingue do diário.

De maneira geral, os suplementos são herdeiros do papel de guia que as revistas culturais, sejam ilustradas ou especializadas, cumpriam desde o século XIX. Ao abraçar a defesa do superlativo, a escolha do melhor, tomavam para si a função “pedagógica, crítica e legisladora, essencialmente moderna, que presidirá durante muito tempo o funcionamento do campo das publicações periódicas ‘culturais’, formadoras de opinião” (Camargo, 2003, p. 26). Na condição hierárquica de juiz artístico, os suplementos traduzem de forma consciente ou não uma espécie de projeto formador e pedagógico. Em graus divergentes, difundem valores seculares da cultura letrada, constitutivos da gênese do jornalismo cultural por meio do texto crítico, atribuindo-se funções múltiplas como alertar, descobrir e explicar, ou seja, de “iluminar” o leitor.⁶ Para pensar o lugar autorizado de saber proposto pelo suplemento, é possível aproximá-lo da leitura de Miguel (1999) sobre o jornalismo como sistema perito.⁷ O autor entende que a instituição jornalística está baseada na excelência técnica e no contrato de confiança com o público, já que este não domina os mecanismos de produção da prática dos jornalistas. Na atividade rotineira e “naturalizada” da seleção, o jornalismo promove consensos e valores que conduzem a apreensão de uma realidade construída (Hall, 1999; Miguel, 1999), impondo um conjunto de critérios para estabelecer o que há de “mais importante” para se saber no mundo.

⁶ Estamos nos aproximando aqui de algumas ideias desenvolvidas por W. Spano (2011) sobre a emergência do jornalismo cultural na França.

⁷ O autor parte de categorias propostas por Anthony Giddens em *As consequências da modernidade* (1991).

Os suplementos ancoram o seu prestígio no reconhecimento dos colunistas e colaboradores, muitos deles próximos do campo acadêmico (Travancas, 2001). Por intermédio do jornalismo, esses agentes ganham crédito social, conquistam visibilidade para além do seu circuito reservado e buscam (supostamente) falar com o público mais amplo, assumindo o papel de decifradores. Na tarefa semanal de congregar um segmento de especialistas, essas publicações reafirmam, a cada edição, que é preciso deter conhecimento sobre outros campos para selecionar o melhor e mais habilitado. O caderno especializado, portanto, funciona também como metassistema perito ou, conforme explica Miguel (1999), como mais um dos mecanismos para legitimar ou deslegitimar a crença nos sistemas peritos, algo já praticado de forma cotidiana e informal pelo jornalismo. No espaço reservado do suplemento, o jornalismo exerce seu poder de construir a notoriedade e de demarcar espaços de conhecimento, concretizando redes de circulação dos textos artísticos e dos discursos sobre eles (Barei, 1999).

2. O contexto de surgimento e a consolidação dos encartes culturais em Porto Alegre

Uma década após o lançamento do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* e do *Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo*, surgiram, no Rio Grande do Sul, as duas publicações que, por sua longevidade e pelos papéis que desempenharam como divulgadoras do pensamento da intelectualidade local, tornaram-se emblemáticas nas décadas seguintes – o *Caderno de Sábado*, nos anos 1970; e o *Cultura*, a partir dos anos 80 (Keller, 2012). Na época, cinco jornais circulavam em Porto Alegre, todos com espaço fixo destinado à cobertura da agenda cultural: *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*, ambos do grupo hegemônico Caldas Júnior; *Diário de Notícias*, do grupo Diários Associados; *Jornal do Comércio*, com foco na economia e no direito; e *Zero Hora*, resultante de um novo empreendimento a partir da extinção do jornal *Última Hora*.⁸ Até então, a função de aglutinar textos literários, ensaísticos e acadêmicos geralmente era reservada a determinados segmentos de opinião e cultura, sem a perspectiva de separação do corpo do jornal. Em 1953, no *Correio do Povo*, o jornalista Carlos Reverbel intitulou de *Suplemento* duas apertadas páginas do jornal de sábado e ali fez circular vozes do sistema literário e artístico local em diálogo com autores de relevância nacional, como Otto Maria Carpeaux e Carlos Drummond de Andrade. Em abril de 1967, a seção havia sido reduzida

⁸ Para traçar este panorama, partiu-se do cenário esboçado por Rüdiger (2003) e, a seguir, fez-se um levantamento no acervo de periódicos dos anos 1960 disponíveis no Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre – RS.

para apenas uma página de domingo, chamada de Literária. O próprio nome indicava a prioridade concedida à criação e ao pensamento literários, seguidos por temas de filosofia, história, música e teatro. Predominavam autores locais, especialmente o poeta Mario Quintana, funcionário da Companhia Caldas Júnior. O conjunto de colaboradores e a linha editorial ganharam envergadura com o lançamento do Caderno de Sábado, um tabloide de 16 páginas, em 30 de setembro daquele ano.

Antes disso, como foi registrado anteriormente, circulava em primeira mão, em 13 de abril de 1967, o Caderno de Cultura, um quinzenário encartado no jovem jornal Zero Hora. No seu terceiro ano de existência,⁹ Zero Hora buscava investir no jornalismo de colonistas, na realização de coberturas internacionais editadas em encartes especiais (A Guerra dos Seis Dias de Israel e a Guerra do Vietnã) e em cadernos como o ZH Destaques e o Caderno de Cultura.



Figuras 1 e 2: capas das edições do Caderno de Cultura de ZH em 16.09.1967 e 09.12.1967

⁹ A criação de Zero Hora resultou do fechamento do jornal Última Hora por Samuel Weiner em abril de 1964. Para levar adiante o projeto, uma nova empresa foi formada pelos sócios Ricardo Eichler, Otto Hoffmeister, Dante de Laytano e Ary de Carvalho. Em 1967, os irmãos Maurício e Jayme Sirotsky detinham 50% das ações, adquirindo a outra metade em 1970.

O corpo principal de *ZH* continha marcas populares e sensacionalistas; privilegiava o esporte, a polícia, o fato local e o entretenimento; trazia textos breves e com fotos destacadas.¹⁰ Desse miolo, emergiu uma separata discreta, reunindo colaboradores cuja presença era frequente na página de opinião do primeiro caderno; críticos de teatro e cinema e, principalmente, jovens editores interessados em textos qualitativos e na decifração de questões culturais ancoradas no seu tempo. Era visível o contraste do encarte quinzenal de oito páginas com o jornal de origem, o que evidenciava o espaço de tensão típico do formato – entre estar dentro e estar fora. Graficamente, essa dissonância se expressava no projeto de Aníbal Bendatti: valorizava os espaços em branco, as ilustrações e o recorte e edição de fotografias; nas capas, confrontava fontes em caixa baixa (logotipo) com caixas altas e de maior peso, já típicas das manchetes diárias de *ZH*.

Se produzir um suplemento implica em construir uma espécie de guia analítico e de atualização para os leitores, a equipe do *Caderno de Cultura*, nos primeiros 15 números de 1967, preocupou-se em esclarecer e repercutir temas urgentes do período, especialmente nas áreas da literatura e da política internacional. Esse traço fica evidenciado pelo fato de, entre os 145 textos do *Caderno de Cultura* classificados na AC, predominarem aqueles cuja referência temporal é o ano de 1967 (em 39%) e aqueles cuja ênfase geográfica é internacional (56%).

Como foi típico nos suplementos configurados no Brasil a partir dos anos 1950, os editores imprimem sua marca autoral nesse gênero de publicação, que alterna fases e estilos conforme o perfil de quem define a pauta.¹¹ O expediente, valorizado na primeira página do *Cultura*, indicava a presença de dois jovens jornalistas, Marcos Faerman e Luis Fernando Verissimo¹², supervisionados pelo professor e crítico literário Guilhermino César e pelo jornalista e advogado Paulo Amorim, diretor de redação do periódico. Posteriormente, Amorim exerceria, por duas vezes, o cargo de subsecretário de Cultura do estado. L.F. Verissimo lembra o clima improvisado de produção e a personalidade do colega reconhecida nas escolhas editoriais do caderno:

¹⁰ Nas páginas finais do jornal, percebe-se a força dos quadrinhos, das fotonovelas, coluna social e de clubes, cartas de leitores no Correio do Coração e Bolsa da Amizade, além dos famosos roteiros *Programinha*, elaborados por L.F. Verissimo.

¹¹ Caso emblemático é o do *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*, com projeto de Antonio Candido e edição de Décio de Almeida Prado (Lorenzotti, 2007).

¹² M. Faerman trabalhara desde os 17 anos no jornal *Última Hora* e, depois, passou a integrar a redação de *ZH*. Em 1968, participou da equipe do *Jornal da Tarde*, tornando-se um dos principais nomes da reportagem de investigação e do Novo Jornalismo no Brasil. Em 1967, Luis Fernando Verissimo havia chegado do Rio de Janeiro e passou a trabalhar no jornal *ZH*.

O Marcão me recrutou para fazermos um caderno de cultura na *ZH*, planejado e produzido, em grande parte, na garagem da minha casa, onde buscávamos ideias e ilustrações pirateáveis em revistas antigas, e não é que o caderno não saiu muito ruim? O Marcão vivia em ebulição intelectual e física. Seu entusiasmo pelo jornalismo, pela possibilidade de criar mesmo dentro das limitações de um diário precário e de um clima repressivo, era contagiante. [...] Nunca conheci ninguém apaixonado pelo jornalismo como o Marcão. Talvez fosse apaixonado demais. Lembrei dele na nossa garagem, há 30 anos, emocionado com a descoberta de um texto qualquer bem paginado. Emocionado com nada mais extraordinário do que um texto bem paginado numa revista poeirenta (Verissimo, 1999, p. 25-27).

O contraste entre o jovem, o novo e aquilo que está consolidado no sistema cultural é perceptível nas edições de 1967 do *Caderno de Cultura*. Há uma forte tendência em sondar o emergente, tanto quanto em apoiar-se na credibilidade dos colunistas e colaboradores, procedimento típico dos suplementos como sistema metaperito. O escritor Erico Verissimo, na condição de homem de letras e figura referencial para o circuito cultural, publica nos primeiros números de *Cultura* seus relatos de viagem pela Europa e Israel – textos que posteriormente seriam editados em livros. Foram dois textos, número aparentemente pequeno, mas que, proporcionalmente, ganha representatividade, pois perfaz 2% do total dos textos. Publicar diários fragmentados sobre viagens também se tornaria comum no caderno do *Correio do Povo*, que veiculou, em 1967, dez textos sobre esse tema, ou seja, 5% do total. Entre esses, ganharam relevo o percurso do poeta e diplomata Raul Bopp pelos Estados Unidos e as crônicas do ensaísta e advogado Moysés Vellinho em temporada na Europa. É possível inferir, portanto, que a narrativa de viagem, experiência cultural acessível a poucos privilegiados naquele período, constituía um formato de atualização e de interesse público.

3. O índice proposto pelo *Caderno de Cultura de Zero Hora*

No final dos anos 1960, os encartes culturais já demonstravam características comuns aos suplementos contemporâneos: privilegiavam a agenda do mercado editorial, pautando-se pelos lançamentos de livros; abriam mais espaço para os jornalistas então recém-formados nos cursos superiores na área, reduzindo o espaço destinado à crítica especializada (Süssekind, 2003; Abreu, 1996). Nas publicações porto-alegrenses, no entanto, ainda restava uma considerável liberdade em relação aos ganchos factuais, sem o atrelamento obrigatório à dinâmica de circulação e consumo que se estabelecia, sobretudo, no centro do país.

A equipe do *Cultura de ZH* imprime critérios jornalísticos para fazer sua leitura dos campos especializados, ou seja, a atualidade, o ineditismo, o conflito, a efeméride ou mesmo a morte como motivos de seleção das pautas. Em geral, pequenos parágrafos introduzem a escolha de cada tema. Mais do que reunir textos herméticos, os editores privilegiam o uso de entrevistas e depoimentos como estratégia para aproximar o leitor do discurso dos intelectuais do período – como os de Henry Miller e Alain Robbe-Grillet –, procedimento coerente com o próprio jornal de origem, cujo perfil popular valorizava a facilidade da leitura e o texto coloquial de crônicas e colunas.

A equipe traduz materiais de revistas internacionais¹³ e põe em circulação a palavra de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Henry Miller, Lawrence Durrell, Alberto Moravia, James Baldwin, Ray Bradbury, Luis Buñuel, Edgar Morin, Robert Oppenheimer, Carlos Fuentes, Peter Weiss, entre outros. No depoimento deste último, autor de *Marat/Sade*, cuja encenação em Porto Alegre teria sido muito aplaudida, há uma questão que ressoa em muitos dos textos, problematizando a condição do intelectual num mundo de antagonismo geopolítico e guerras iminentes. Evidencia a difícil convivência entre o trabalho teórico e a prática política, assim como o lugar social da *intelligentsia*:

Havia uma pergunta essencial. Quem precisava do que eu escrevia? Poderia minha obra fazer a vida mais visível? [...] Há muitos que trabalham de acordo com duas necessidades: exprimir o individualismo humano e a mudança política radical. Os conflitos que nascem desse compromisso devem ser parte de nossa obra, teremos que viver com eles. Muitas vezes eles fornecerão os próprios problemas que tentaremos solucionar escrevendo.¹⁴

No Brasil, o governo militar imposto pelo golpe de 1964 ainda não havia censurado de todo a circulação do pensamento e da produção cultural de esquerda. Essa produção, porém, realizava-se num círculo restrito, que se retroalimentava, integrado ao próprio sistema artístico e ao mercado de bens culturais em processo de expansão e consolidação. Nesse contexto, como lembram Hollanda (1981) e Pécaut (1990), emerge o intelectual crítico, que interage no espaço político, mas fala apenas para seus pares e ao público cúmplice desse ideário. O suplemento, que visa exatamente essa recepção segmentada, é um dispositivo eficaz, assim como foram as revistas publicadas por editoras, veículos especializados, em formato de

¹³ A maioria foi produzida pela *Paris Review*; não há informações sobre os direitos autorais desses materiais.

¹⁴ Depoimento de Peter Weiss, publicado na página 8 da edição de 25/11/1967.

livro (para facilitar o arquivamento) – elas foram decisivas na divulgação de autores e correntes de pensamento no século XX.

Imerso na agenda da Guerra Fria, o caderno de *ZH* foca nos Estados Unidos e na União Soviética, que concentram 10% e 6% das referências geográficas. Torna-se, pois, um mapa possível para apreender a política internacional daquele momento. Dedicado à agenda mundial de acontecimentos, o jornalista Luiz Pilla Vares foi o autor mais frequente em 1967, responsável por oito textos (6% do total). Como Marcos Faerman, Pilla Vares era um jovem militante de esquerda rompido com o ideário do PCB, e no suplemento se dedica a interpretar o cinquentenário da Revolução Bolchevique (outubro de 1967) sob a influência do leninismo e das leituras de Rosa Luxemburgo. São de sua autoria, também, um dossiê sobre a iminência da Terceira Guerra Mundial a partir dos múltiplos focos de conflito e de certa radicalização na política exterior da URSS; e a análise do movimento sindical e estudantil que acossava De Gaulle na França.

Entre outros temas então candentes e categorizados como internacionais, ganharam relevância a corrida armamentista e espacial e a Guerra dos Seis Dias – que começou em 05 de junho de 1967 envolvendo Israel, Egito, Síria e Jordânia, e foi esmiuçada pelo suplemento. A questão judaica, aliás, foi tratada sistematicamente, provavelmente em razão do contexto próximo da Segunda Guerra Mundial e da forte influência dessa cultura na cidade de Porto Alegre. Entre os três textos que tratam de forma mais explícita desse tema é que figura o depoimento de Jean-Paul Sartre – uma análise do conflito árabe-judeu.

No final da década de 1960, quando a esquerda dividia-se em distintos movimentos de reação, a bibliografia marxista expandiu-se no Brasil, com traduções dos frankfurtianos (Benjamin, Marcuse, Adorno e Horkheimer), de Gramsci, Goldmann e Althusser (Coutinho, 2011; Holanda, 1981, 1984). Nas edições analisadas do *Caderno de Cultura*, essa revisão do pensamento marxista em múltiplas vertentes aparece, por exemplo, com a publicação do ensaio crítico *Nietzsche segundo o fascismo*, do filósofo húngaro Georg Lukács.

Sob a ditadura militar do governo Costa e Silva, no ano em que se estabelece a Lei de Segurança Nacional, a tensa conjuntura do Brasil transparece apenas nas críticas de cinema e teatro – na proibição da peça *Navalha na carne* de Plínio Marcos ou mesmo na recepção do alegórico filme *Terra em Transe* de Glauber Rocha, expressa em uma sequência de textos dos críticos porto-alegrenses Enéas de Souza, Goida¹⁵ e Pilla Vares, divididos entre a rejeição, o

¹⁵ Pseudônimo de Hiron Goidanich.

aplauso e a revisão do legado do Cinema Novo. A crítica cinematográfica da cidade, nos anos 1960, foi catalisada pela ação do Clube de Cinema, pela valorização da tradição francesa do cinema de arte e por debates intensos travados nas ruas, nos cafés, em cursos temáticos, nas redações e páginas dos jornais (Lunardelli, 2008). O crítico Paulo Fontoura Gastal (1922-1996) foi uma figura central na promoção desse embate de ideias a partir do cinema – justamente ele, que responderia pela edição do *Caderno de Sábado* durante seus 14 anos de existência.

Seguindo o modelo dos suplementos brasileiros (Abreu, 1996), *Cultura* privilegia a literatura: presente em 42% dos textos publicados em 1967, ela evidencia a centralidade da criação literária e a importância social do homem de letras. Os poetas ganham relevância nesse sentido – tanto é que, do total de textos publicados no primeiro ano de circulação, 15% são poemas. Guimarães Rosa, que ingressara naquele ano na Academia de Letras e falecera três dias após a posse, foi o autor mais comentado em 1967, especialmente pela série de críticas do professor Donaldo Schüler. Um desses textos foi publicado na edição número 13 do suplemento, que dedicou quatro de suas oito páginas ao escritor mineiro.

Para além da reafirmação do cânone, característica frequente dos suplementos em geral, havia o interesse editorial em publicizar o inédito, o desconhecido ou mesmo o pouco legitimado. O *Caderno de Cultura* preocupa-se em abrir espaço para contos e poemas de jovens autores do Rio Grande do Sul, como Moacyr Scliar, Armindo Trevisan, Lya Luft, Arnaldo Campos e Tânia Faillace. Essa geração dos anos 1960 também encontraria abrigo nas páginas do *Caderno de Sábado* da Caldas Júnior.

Nos 42 textos que tratam de temáticas ligadas ao livro e à literatura, o foco nacional e internacional ganha primazia: entre os que foram classificados por suas referências geográficas, 21 tratam de escritores e obras brasileiras de fora do RS; e 17 referem-se a temas internacionais. É memorável a edição 12, concentrada em apresentar poetas latino-americanos da nova geração – Ernesto Cardenal, Gonzalo Rojas e Carlos Castro Saavedra –, praticamente desconhecida no circuito intelectual brasileiro, disponibilizando seus poemas em espanhol. Também ganham espaço os jovens poetas soviéticos empenhados em “humanizar o socialismo degenerado”.¹⁶ A cidade de Porto Alegre surge, no suplemento, em ângulos inusitados. O poeta Augusto de Campos¹⁷ encontra Lupicínio Rodrigues no Clube dos Cozinheiros e lamenta o

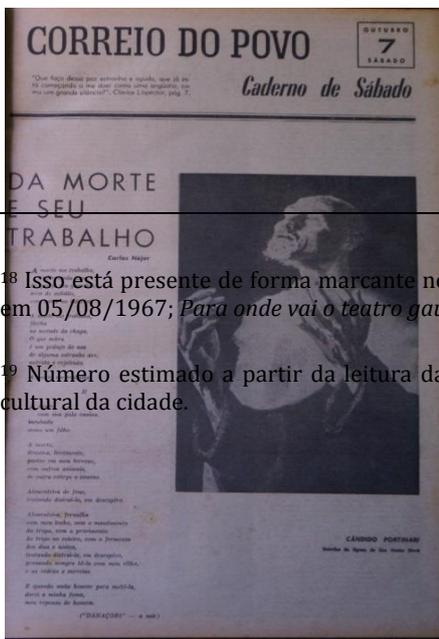
¹⁶ Respectivamente, edições de 04/11/1967 e 29/04/1967.

¹⁷ O poeta esteve na cidade junto com Haroldo de Campos e Décio Pignatari, em uma exposição de Poesia Concreta no Instituto dos Arquitetos do Brasil. Edição de 30/09/1967.

confinamento da música local, não apenas da velha guarda sambista como da nova geração da música popular, expressa no grupo Canta-Povo. Não são raros os comentários impacientes em relação à capital. Alguns textos deixam escapar o provincianismo da cidade, que vive a crise da produção teatral local, cujo público conservador, desacostumado a determinadas referências, assiste, perplexo, a uma apresentação de jazz contemporâneo, ou não compreende manifestações críticas e de vanguarda.¹⁸ Pelos temas sugeridos na amostra analisada, supõe-se que o circuito cultural porto-alegrense, que possuía uma média de 32 cinemas divididos em 13 bairros¹⁹, movimenta-se pelo consumo da literatura, do cinema, do teatro e da música, especialmente a erudita. O professor Bruno Kiefer e o jovem músico Flavio Oliveira se revezam no comentário dos lançamentos de discos e na sistematização periódica da história da música erudita no século XX, iniciativa que o *Caderno de Sábado* também levará adiante em colunas sistemáticas da jornalista Maria Abreu e do tradutor e crítico diletante Herbert Caro. A partir da leitura das edições de 1967, constata-se o movimento por parte dos suplementos em direção à historicização das manifestações artísticas, tomando para si a posição de um arquivo que pode ser acessado no espaço de saber estrategicamente construído pelo jornal a fim de fidelizar o leitor. Para além do descarte diário, pretende permanecer como objeto histórico.

4. Aproximações e dissonâncias entre os suplementos

Ao longo da descrição da experiência editorial do *Caderno de Cultura* de *Zero Hora* em 1967, traçamos breves paralelos com a publicação congênera do *Correio do Povo*, jornal hegemônico naquele período e que levaria ao máximo, durante mais de uma década, o ideal contido no dispositivo suplemento: formar o leitor culto por meio da visão enciclopédica e do acesso a determinados saberes especializados.



¹⁸ Isso está presente de forma marcante nos textos *Jazz livre*, de L.F. Veríssimo em 16/09/1967; *Erico e sua arte*, de D. Schüler em 05/08/1967; *Para onde vai o teatro gaúcho, se for*, de S. Schestatsky em 13/04/1967.

¹⁹ Número estimado a partir da leitura das páginas dos jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo* que continham a programação cultural da cidade.

Figuras 3 e 4: Capas do *Caderno de Sábado (CP)* de 07/10/1967 e do *Caderno de Cultura (ZH)* de 30/12/1967

Semelhantes nas escolhas temáticas e de colaboradores, os dois cadernos são graficamente muito diversos entre si. Em linhas gerais, o caderno de *ZH* possui um projeto gráfico bem mais arejado que o do *CP*. Neste último, a relevância e prestígio do jornal estão embutidos no cabeçalho do *Caderno de Sábado*, numa associação entre o nome da publicação e o logotipo maior do *Correio do Povo*. No topo da página, aparece uma epígrafe, elegendo um fragmento de um autor publicado. Parece, então, haver uma intenção editorial de posicionar o *Caderno de Sábado* entre o prestígio do jornal que o abriga e a palavra de um dos intelectuais cujos textos circulam na publicação. Em movimento contrário, o *Caderno de Cultura* valoriza sua equipe editorial, constituindo quase um jornal dentro do jornal: direção editorial, supervisão e planejamento gráfico são creditados a cada número; o nome de *Zero Hora* sequer é mencionado.

Há um predomínio da literatura – ainda que em proporções diferentes – em ambas as publicações: 42% dos textos no *Caderno de Cultura*; e 20% no *Caderno de Sábado*²⁰. Se somados a esses textos aqueles que, em vez de terem a literatura como tema, são literários – tais como contos, poemas e fragmentos de obras –, é possível perceber um predomínio ainda maior. No suplemento de *ZH*, esses textos aparecem da seguinte forma: 42 ensaios, artigos, notas e reportagens que tratam de assuntos ligados à literatura; 21 poemas; 8 contos; e 3 fragmentos de livros, o que totaliza 74 textos, ou seja, 52% do total. Já no suplemento da Caldas Júnior, a preponderância da literatura verifica-se em 41 ensaios, artigos, notas e reportagens que tratam

²⁰ A discrepância nos percentuais dos textos referentes à literatura deve-se, principalmente, ao fato de no *Caderno de Sábado* haver uma variedade muito maior de temas categorizados. São 31, contra 16 no *Cultura*. Em termos absolutos, foram 42 e 41 textos de temática literária em 15 edições de cada suplemento, o que os aproxima, se tomados os números médios de textos por edição – 2,8 e 2,7.

de temas literários; 47 poemas; 4 contos; e 2 fragmentos de livros, o que totaliza 94 textos, ou seja, 33% do total. A forte presença de excertos literários, ensaios críticos e artigos nos dois cadernos afronta o texto jornalístico, indica a tensão criada pelas vozes de especialistas e outros agentes compiladas em segmento editorial exógeno, porém construído dentro do jornal em busca do prestígio e da distinção.

Depois da literatura, são a música e a história os assuntos mais frequentes: enquanto em *Cultura* perfazem 10% e 13%, respectivamente; no *Caderno de Sábado* totalizam 14% e 13%. Em ambas as publicações é a música erudita, e portanto canônica, que ganha espaço prioritário – 60% dos textos categorizados nesse tema no suplemento de *ZH*, e 76% no do *Correio do Povo*.

Os suplementos funcionaram como sistemas peritos que escolhiam autores para se conhecer. A indexação dos articulistas demonstra a disputa pelo espaço entre os nomes locais, relativizando a notoriedade de autores consagrados com a presença frequente dos jovens escritores, poetas e críticos. Obviamente, o *Caderno de Sábado* do *CP*, pelo número maior de páginas e frequência semanal, expande o escopo de colaboradores. Entre os autores que tiveram mais de um texto publicado em cada suplemento em 1967, encontramos o reputado professor Guilhermino César e o jovem ensaísta Donald Schüller, ambos ligados ao curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O perfil dos editores também é diferente, mas afinado por princípios comuns. Como foi dito, enquanto em *Zero Hora* há predomínio dos jovens jornalistas, quem edita na tradicional redação do *Correio do Povo* é o influente crítico de cinema P. F. Gastal. Apesar de pertencerem a gerações distintas, todos imprimem nos suplementos a crença na arte como forma de elevação cultural.

Dentro da montagem de um tempo heterogêneo comum aos suplementos, oscilando entre o passado e o futuro a partir da ancoragem editorial no presente, há uma peculiaridade marcante do *Caderno de Sábado* em relação ao seu jovem antecessor: a predominância do viés histórico. Ainda que o suplemento de *ZH*, aparentemente, tenha uma preferência pelo passado (as referências somam 51%, contra 49% do *Caderno de Sábado*), é importante ressaltar o quanto esse olhar está voltado para o século XX por meio de temáticas então em pleno debate – 49%. No suplemento do *Correio do Povo*, por outro lado, o século XIX e anteriores ganham relevo (24%), inclusive com uma frequência significativa de temas da Antiguidade (9%) – concentrados nas séries de Maria Abreu sobre música e de Nilse Ostermann sobre história, ambas referindo-se ao período grego clássico.

Debates vigentes no final dos anos 1960 também permearam as páginas do *Caderno de Sábado*, problematizando questões internacionais, a polêmica racial, a corrida espacial e avanços científicos (Cardoso, 2009). Os debates não estavam necessariamente ancorados por um acontecimento pontual, mas, sim, por aquilo que normalmente se referencia como “atualidade”, ou seja, o tempo presente expandido. Nessa linha, o suplemento fazia circular em Porto Alegre ideias em voga em áreas mais específicas do conhecimento filosófico como a fenomenologia, o existencialismo e o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, além de divulgar autores de viés marxista como Lukács, Goldman, Althusser e Marcuse, ampliando, nesse sentido, uma marca editorial já enfatizada pelo *Caderno de Cultura* de ZH. No anseio de colaborar com o processo de consagração dos autores e de suas obras dentro do sistema literário, o *Caderno de Sábado* também repercute nomes proeminentes do período – caso de João Cabral, Guimarães Rosa e Miguel Angel Asturias (guatemalteco ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 1967).

No vigor do critério da memória sobre o imperativo da atualidade, a cidade de Porto Alegre ressurgiu no lamento pela demolição de prédios antigos e emblemáticos no centro²¹, na recuperação de suas origens históricas²² e, em sintonia com o caderno de *Zero Hora*, na crítica ao provincianismo local – “Daqui da província pouco se nota, mas o mundo anda diferente”, escreve Paulo Hecker Filho no texto *Um novo mundo assustador*.

5. Considerações finais: o arquivo sob a égide do presente efêmero

Estudamos aqui o primeiro ano (1967) do *Caderno de Cultura*, de *Zero Hora*, e do *Caderno de Sábado*, do *Correio do Povo*, destacando especialmente a contribuição do primeiro, que ainda não havia sido problematizada como objeto de estudo acadêmico. Lançamos luz a um momento em que jornais hegemônicos, ou em processo de ascensão, buscavam consolidar espaços distintivos afinados com o ideal iluminista e de esclarecimento que marcou o surgimento da imprensa como instituição cultural. No final dos anos 1960, quando o país vivia um processo acelerado de urbanização e de expansão do mercado cultural, o suplemento concretizou o valor máximo da cultura letrada, a formação pela leitura, pela reflexão crítica e

²¹ A contracapa da edição 9, de 25/11/1967, por exemplo, lamenta o incêndio e demolição do prédio que abrigara o Grande Hotel.

²² Entre os textos categorizados nesta AC, sete de autoria de Francisco Riopardense de Macedo tratam deste tema, especificamente.

pelo acesso a determinados saberes. O jornal posicionava-se, pois, como um espaço efetivo de referência e atualização, e o dispositivo suplemento exercia sua competência em julgar os campos peritos, selecionando aquilo que deveria ser conhecido a partir do circuito de especialistas. Atuavam como mediadores ao subsidiar o leitor no percurso de conhecimento da arte e da cultura. Nesse sentido, participavam do processo de publicização de determinadas correntes de pensamento intelectual.

Percebe-se, na gênese das separatas pesquisadas, a perspectiva editorial da cultura como espaço de polêmica, de circulação e de exposição de ideias. No período pesquisado, esse gênero ainda estava bem próximo das revistas literárias na condição de guias intelectuais, de espaços de explicação e descoberta. Os dois suplementos manejavam a lógica de alternância entre consagrado e emergente, da reiteração do cânone e da exposição daquilo que almeja reconhecimento, privilegiando as mesmas áreas de competência e, nesse sentido, atuando em consenso na leitura cultural do seu tempo histórico. Apesar de serem produtos de jornais de perfis e equipes editoriais muito distintas, ambos apostaram no conhecimento da literatura, música e história, tendo o homem de letras como protagonista nas páginas editadas. Em pleno período ditatorial, às vésperas do AI-5, os suplementos porto-alegrenses foram profícuos em estimular a leitura de autores referenciais de esquerda intelectual ainda hegemônica.

As duas separatas também faziam movimentos em contraponto, ancoradas no presente expandido. Enquanto o *Caderno de Cultura* buscava privilegiar o olhar sobre o futuro, o *Caderno de Sábado* respondia com o peso do passado e da memória. Ofereciam percursos possíveis, e muitas vezes divergentes, sobre sua cidade referencial, Porto Alegre, mas eram uníssonos em apontar o provincianismo local e a necessidade de ampliação do horizonte intelectual. Lacuna, essa, a que os dois cadernos, dentro das suas possibilidades, tentavam responder e suprir. Após 1967, o *Caderno de Cultura* teve interrupções e diferentes intervenções editoriais até concretizar-se no formato atual que circula aos sábados em ZH. Já o *Caderno de Sábado* prosseguiu ininterruptamente até 1981, consolidou seu prestígio entre gerações de leitores e intelectuais e foi extinto no momento em que o grupo Caldas Júnior foi atingido por uma grave crise financeira.

Ao se fazerem colecionáveis, agregando novos exemplares a cada semana, os suplementos propunham para si outra condição para além da lógica do efêmero típica das páginas diárias de um periódico. A possibilidade de sair do dispositivo jornal, ganhando independência por meio do formato gráfico, favorecia a promessa de se constituir em espaço

de referência, tanto que muitos dos textos publicados nos cadernos estudados transformaram-se em livros. Os dois suplementos, cada qual a seu modo, amparados em jornais de tradições distintas, faziam de um pequeno espaço jornalístico um arquivo, constituindo um patrimônio de documentos dentro de um continente reservado para coleção e consulta. Afirmavam o paradoxo de produzir o tempo da permanência na rotina do descarte.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ____ *et al.* (org.) *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3.ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BAREI, Silvia. Periodismo cultural: crítica y escritura. *Ambitos: Revista Internacional de Comunicación*, Sevilla, n. 2, 1999.

CAMARGO, Maria Lucia. Sobre revistas, periódicos e qualis tais. *Travessia 40*, Florianópolis n. 1, 2. sem. 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo. História e análise de textos. In: ____; ____ (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 375-400.

CARDOSO, Everton. *Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1969). 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil*. Ensaios sobre ideias e formas. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

GOLIN, Cida. Histórias do jornalismo cultural: o primeiro ano do *Caderno de Sábado*. *Estudos em jornalismo e mídia*, Florianópolis, v. 2, n. 2, 2005, p. 133-142.

HALL, Stuart. et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, N. (org.) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.

HOLLANDA, Heloísa B.; Gonçalves, Marcos. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

____. *Impressões de viagem. CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KELLER, Sara. *Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno Cultura (2010), de Zero Hora*. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento literário, que falta ele faz!: 1956-1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

LUNARDELLI, Fatimarlei. *A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura; UFRGS, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo como sistema perito. *Tempo social: Revista de Sociologia*, v. 11, n. 1, São Paulo: USP, maio de 1999.

MOUILLAUD, Maurice. *O jornal: da forma ao sentido*. Organização: Sérgio Dyrell Porto. 2. ed. Brasília: UnB, 2002.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SPANO, William. La culture comme spécialité journalistique. *Le temps des médias*, Paris, v. 17, 2011.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. Cotia: Ateliê, 2001.

VERISSIMO, Luis Fernando. Paixão diagramada e jornalismo em receita. In: MARÇAL, João Batista. *Marcos Faerman: profissão repórter*. Porto Alegre: Corag, 1999.